

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

ALLAN DWAN

11 e 19 de Janeiro de 2022

### I SPY / 1934

*Um filme de Allan Dwan*

Realização: Allan Dwan / Argumento: Arthur Woods, baseado no tratamento de Allan Dwan de uma história original de Fred Thompson / Direcção de Fotografia: James Wilson / Direcção Artística: C. Wilfred Arnold / Música: Sydney Baynes / Som: George Adams / Montagem: Leslie Norman / Interpretação: Ben Lyon (Wally Sawyer), Sally Eilers (Thelma Coldwater), Harry Tate (George), H.F. Maltby (Herr Doctor), Harold Warrenden, Andrews Engelmann, Dennis Hoey, Henry Victor, Marcelle Rogez, (e entre os figurantes, não creditado, Stewart Granger), etc.

Produção: British International Pictures (BIP) / Produtor: Walter C. Mycroft / Cópia: 16mm, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 68 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*\*

I Spy foi o último dos três filmes que Dwan fez em Inglaterra no princípio dos anos 30, e aquele de que o realizador gostava menos. Não que gostasse muito mais dos outros dois, ou pelo menos, com a sua modéstia habitual, que se preocupasse em ser *ele* a decidir que lugar ocuparia o trio de filmes britânicos dentro da sua obra. Quando Peter Bogdanovich lhe perguntou exactamente isso (“que acha dos seus filmes ingleses quando comparados com os americanos?”) a resposta de Dwan foi assim: “Ah, não sei. Gostei da mudança e de trabalhar em Inglaterra, mas não dos filmes eles próprios – mal voltei a pensar neles depois de os ter entregado. Geralmente, tinha logo outro filme com que me ocupar. (...) Mas gostei de estar em Inglaterra. Estive lá durante a pior parte da Depressão aqui na América”. Os filmes, ao menos os dois que vimos neste Ciclo (mais **Her First Affaire** do que **I Spy**, contudo), valem pouco mais do que a indiferença que Dwan lhes parece votar, mas é evidente que, por razões já explicadas noutras folhas, o realizador gostou do afastamento temporário de Hollywood, e atirou-se a esta série de filmes com o mesmo profissionalismo que sempre o caracterizou e ainda mais o caracterizaria na sua carreira posterior. Aliás, estes três filmes estão muito próximos, em termos de produção, dos “quota quickies” que na indústria britânica correspondiam à série B americana.

**I Spy** é um filme divertido e relativamente movimentado que parece uma paródia dos filmes de espionagem britânicos da época – nomeadamente os de Hitchcock, que nesta época trabalhava para a British International Pictures que também produziu o filme de Dwan. Paródia farsante, no desenho das personagens, uma versão “cartoon” (e depurada de toda a gravidade que mesmo o “cartoon” podia ter nos Hitchcocks do período) do ambiente de tensão política na Europa daqueles anos (lembre-se que no anterior à estreia de **I Spy**, em 1933, Hitler tinha subido ao poder na Alemanha). Parte da acção, aliás, decorre em Paris, pormenor que facilmente se esquece porque não há um único plano de exterior parisiense, e tudo decorre entre hotéis e salões obviamente construídos num estúdio londrino.

Dwan investe numa das coisas de que mais gostava, o aproveitamento dos cenários. A abertura é, desde logo, perfeitamente “dwaniana”, com o enquadramento de uma janela vista do interior, depois um movimento de câmara a revelar todo o espaço do exíguo décor (um quarto) até encontrar a personagem que aí está instalada. Só depois de mostrado todo o espaço da cena é que vem o primeiro corte na montagem. E como Dwan não corta nem muda do interior para o exterior sem

uma boa razão, para haver o primeiro plano do lado de fora da janela que começámos por ver é preciso que uma personagem saia através dela para a rua. Mais tarde, o “timing” da ocupação dos espaços é decisivo nalguns dos melhores gags, como o da saída de Ben Lyon do hotel no preciso intervalo de tempo entre o momento em que os seus perseguidores sobem num elevador para o seu quarto enquanto ele desce no outro elevador.

São coisas assim, de pura mise en scène, que dão prazer ao espectador em **I Spy**, juntamente com algum sal e pimenta – bastante “americanos”, aliás, se pensarmos nas “screwballs” de Hollywood ou nos “innuendos” dos filmes de Lubitsch – trazidos pelos diálogos na relação entre Ben Lyon e Sally Eilers (a cara dela quando ele lhe propõe uma “quickie” - uma “rapidinha” - na primeira vez em que se encontram, e antes que ele explicita que se está a referir a uma bebida, é um “reaction shot” mais cómico até do que a própria piada do diálogo). Outro bom momento é quando eles, seguidos em travelling enquanto são encaminhados pelo que ameaça ser um pelotão de execução, descobrem que, afinal, são praticamente vizinhos em Kokomo, Indiana, na América que lhes é natal (ambos os actores são, aliás, americanos, estrelas de médio coturno, porém fugaz, na viragem dos anos 20 para os 30), no que também é um excelente exemplo da forma como Dwan era capaz de fazer uma cena “viver” através da injeção de acção e de movimento, acção e movimento que ficam mais na retina do que o próprio facto narrativo que justifica a cena.

Luís Miguel Oliveira